

Dólar dispara a R\$6,26 com receio fiscal e juros no EUA

A PERFORMANCE DA MOEDA NOS ÚLTIMOS 30 DIAS



TEMPESTADE PERFEITA

DÓLAR RENOVA MÁXIMA, A R\$ 6,26

Falta de confiança sobre ajustes e juros nos EUA pressionam câmbio

ISA MORENA VISTA, PAULO RENATO NEPOMUCENO E TRAIAS BARCELLOS colunistas@oglobo.com.br RIO DE JANEIRO

Em mais um dia marcado pela profunda crise de confiança do mercado sobre a condução da política fiscal no Brasil, o dólar encerrou o dia em alta de 2,82%, a R\$ 6,2672, renovando o recorde de fechamento pelo terceiro dia consecutivo — isso apesar de o Congresso ter aprovado, na noite de terça-feira, parte das medidas do pacote de corte de gastos do governo. Pesou ainda a decisão do Federal Reserve (Fed), o banco central americano, que reduziu sua taxa básica de juros mas sinalizou menos cortes à frente. Na máxima do dia, o dólar chegou a R\$ 6,2707.

Em 30 dias, a moeda americana acumula valorização de 8,25% frente ao real — a maior alta em um mês desde ju-

ho de 2022, quando o governo Jair Bolsonaro promoveu um pacote de medidas assistencialistas em ano eleitoral. No ano, a alta é de 29,15%. Ontem, o real foi a moeda que mais se desvalorizou em relação ao dólar, dentro de uma cesta de 31 moedas.

'COMPLETA AVERSÃO A RISCO'
Ao contrário dos últimos dias, o Banco Central (BC) não atuou no câmbio ontem. Desde quinta-feira passada, a autoridade monetária injetou US\$ 12,13 bilhões no mercado, na tentativa de atenuar a alta da divisa. No fim do dia, o BC informou que fará hoje um leilão de venda à vista de dólares de até US\$ 3 bilhões, logo após a abertura do mercado regular, às 9h15.

Já o Tesouro Nacional fez ontem o primeiro dos leilões extraordinários de venda e recompra de títulos públicos, a fim de aliviar o forte avanço

dos juros futuros. No entanto, o órgão não aceitou nenhuma oferta pelas 1,2 milhão de Notas do Tesouro Nacional - Série F (NTN-F) que estava ofertando. Além disso, o Tesouro recomprou apenas 10% do total de títulos que havia proposto.

Esses leilões, que ocorrerão também hoje e amanhã, foram anunciados na segunda-feira. As operações são vistas como uma ação complementar à ação do Banco Central no mercado cambial. Desde maio de 2020, durante a pandemia de Covid-19, o Tesouro não promovia esses leilões.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, ressaltou ontem que "o câmbio é flutuante" e que este vai se acomodar "em virtude do desdobramento das medidas tomadas pelo governo" (leia mais na página 18). Mas não conseguiu acalmar os investidores. Para a economista-chefe da

B.Side Investimentos, Helena Veronese, as falas da equipe econômica apontam a necessidade de novos ajustes, mas "o núcleo duro" do governo "não tem essa intenção".

— O cenário é de completa aversão a risco. É um ceticismo. Essa dúvida sobre continuidade gera esse desconforto gigantesco que não faz o dólar ceder.

'JOGANDO DINHEIRO FORA'
Tony Volponi, ex-diretor do BC, alertou para os efeitos da escalada do dólar na economia real, impactando a população:

— (O governo) está adotando escolhas que não vão levar a um final feliz. Porque em algum momento isso vai bater na economia real: no crescimento, na inflação, no emprego.

Na visão de Mailson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda e sócio da Tendências

Consultoria, o fato de as intervenções do BC e do Tesouro não terem atenuado estruturalmente o dólar ou contratos futuros de juros mostra que "o que está fora do lugar é a política fiscal".

— Estamos diante de uma profunda crise de confiança. O Banco Central estará jogando dinheiro fora se continuar intervindo no mercado. A inversão só vai acontecer se houver mudanças fiscais.

A taxa de depósito interfinanceiro (DI) para 2027 chegou a superar os 16% ontem, para encerrar a 15,84%, contra fechamento de 15,41% na véspera. Dos anos de 2026 a 2030, todas as taxas fecharam em alta e acima de 15%. A Selic está hoje em 12,25% ao ano.

— Há pouca probabilidade de uma mudança relevante de mudança de cenário do endividamento público. Isso continuamente vai pressionar a moeda brasilei-

ra. E dificilmente haverá mudanças no curto prazo. Isso azeda o humor — disse Roberto Padovani, economista-chefe do Banco BV.

Ele cita ainda a antecipação do cenário eleitoral: — Estamos falando em 2026, mas o debate está presente hoje. Nenhum governo no mundo adota medidas impopulares em períodos eleitorais. Por que o nosso vai ser diferente? É natural que haja desconfiância em ajustes pelo governo nesse ambiente.

Para Padovani, o dólar pode alcançar os R\$ 6,50 em 2025, pressionado também por fatores internacionais, como uma desaceleração econômica global e a taxa de juro americana em patamar alto.

Ontem, o Fed reduziu sua taxa básica, como esperado, em 0,25 ponto percentual, para o intervalo entre 4,25% e 4,50%. A decisão não foi unânime: houve um voto por não haver corte.

Mas o BC americano também divulgou suas projeções para o ano que vem, com PIB e inflação maiores do que o estimado em setembro, e desemprego menor.

— A postura da política monetária é menos restritiva, e o Fed pode ser mais cauteloso para considerar mais ajustes na política monetária — afirmou o presidente do BC americano, Jerome Powell, em entrevista coletiva após a reunião.

A declaração foi interpretada como um sinal de que o Fed pode não fazer os três cortes antes esperados para 2025.

Segundo a plataforma FedWatch, que resume as previsões do mercado sobre os juros nos EUA, a maior parte dos investidores aposta em apenas mais um corte na taxa até o fim do ano que vem.

EMPRESAS PERDEM R\$130 BI
Com isso, os principais índices acionários tiveram fortes quedas: Dow Jones de 2,58%, S&P 500 de 2,95% e Nasdaq de 3,56%. O rendimento do título do Tesouro americano de 10 anos subiu 1 ponto percentual, para 4,50%.

O mercado acionário brasileiro também refletiu a turbulência no dia. O Ibovespa tomou 3,15%, aos 120.772 pontos, a maior queda desde 10 de novembro de 2022, depois de o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, criticar a pressão por responsabilidade fiscal. A Bolsa voltou ao patamar de junho e acumula desvalorização de 10% no ano.

Segundo a consultoria Elos Aya, ontem as empresas listadas na Bolsa perderam R\$ 130 bilhões em valor de mercado.

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ